IGUALDADE OU EQUIDADE ?: AS (IM)POSSIBILIDADES DE CUMPRIR AS NORMAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O COTIDIANO ESCOLAR

João Vitor Alves AMORIM; Carlos Antônio GIOVINAZZO JÚNIOR
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Eixo 07 - Educação, desenvolvimento e aprendizagem
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq
amorim30joao@gmail.com

Palavras-chave: Ergologia. Saúde e Segurança. Ambiente escolar;

1. Introdução

Saúde e segurança (SS) são conceitos distintos, porém complementares. A relação estabelecida pode ter caráter harmonioso, ou não, a depender de como se configuram o planejamento, a execução e a avaliação das ações de promoção. Uma medida de controle de riscos pode contribuir com a segurança, mas provocar prejuízos para a saúde. Como exemplo, temos o período de isolamento social. De acordo com Venturelli (2021), em função do teletrabalho, os docentes tiveram um aumento na quantidade de horas dedicadas às atividades pedagógicas, repercutindo diretamente nas condições de saúde física e mental.

A modalidade *home office* adotada durante o período de isolamento social, embora tenha sido a única medida possível, apresentou fragilidades que impactaram diretamente a carga de trabalho dos profissionais. O domínio tecnológico configurou um desafio extra para docentes não familiarizados com as ferramentas do ensino remoto; consequentemente observaram-se obstáculos no processo de ensino-aprendizagem dos alunos (Venturelli, 2021). Dado esse contexto, o planejamento de capacitações poderia ter atuado na diminuição do fator estressor, além de contribuir para a qualidade do ensino.

No entanto, o desequilíbrio entre saúde e segurança apesar de pouco perceptível quando comparado ao cenário pandêmico, perdura até hoje. No chão da escola, a adoção de estratégias em desaderência ao meio pode potencializar danos no que diz respeito à docência e, consequentemente, no processo de educação dos

alunos. Tratar de SS com intencionalidade é fundamental para garantir qualidade no trabalho e formação acadêmica aos educandos.

2. Metodologia

Este estudo, de abordagem qualitativa, buscou investigar os fatores de risco associados a uma escola técnica situada na região metropolitana de São Paulo. A partir da análise de documentos de segurança do trabalho, tais como o programa de gerenciamento de riscos ocupacionais (PGR) e mapa de riscos, normas do regimento interno, contratos e licitações para serviços terceirizados, foi feito um levantamento de dados que serviram como base para uma visita técnica, que, por sua vez, teve como objetivo investigar que riscos emergem no cotidiano escolar e que contradições se estabelecem ao confrontar as prescrições com o trabalho real.

O levantamento e a análise dos dados foram discutidos a partir da perspectiva ergológica, que consiste em uma reflexão acerca do debate de normas - caracterizado pela distância entre o planejado e o vivido. O objetivo foi identificar e relatar como são preenchidas as lacunas deixadas pela norma, logo, quais as renormatizações necessárias para tornar o trabalho possível.

3. Desenvolvimento

Um dos problemas identificados foi a incongruência entre a matriz de horários das aulas com aspectos territoriais. O tempo de aula, horário de entrada e saída, são determinações normativas, logo, faz parte das responsabilidades do professor cumprir e fazer cumprir com o regimento da instituição. No entanto, na região em que a escola está situada, caminhar ou aguardar o transporte coletivo às 22h40 traz consigo alguns riscos. De que forma cumprir com uma responsabilidade, se o seu cumprimento traz inseguranças? Sejam alunos ou professores, todos estarão expostos ao mesmo risco.

É preciso admitir que no meio se manifestam infidelidades. Há uma distância entre o planejado e o vivido (Schwartz; Durrive, 2021). Essa distância é acompanhada por um vazio de normas, que demandam que o indivíduo faça escolhas a fim de suprir as lacunas (Schwartz; Durrive, 2021). O docente tem de fazer escolhas permanentemente, que se apoiam no confronto entre as prescrições e normas externas com seus valores e normas internas (Veríssimo; Sena, 2021).

Há docentes que escolhem transgredir a norma e “liberar” os alunos alguns minutos antes e alunos que optam por faltar às aulas. Em meio ao conflito observam-se defasagens no aprendizado dos alunos, e dificuldades do professor em cumprir com a ementa do curso.

4. Conclusões

Transitando do possível ao impossível, melhorias no policiamento local, ou realocação de pontos de ônibus são formas de lidar com o problema, mas dependem de ações externas à instituição. Em contrapartida, a partir de uma perspectiva interna, o prolongamento na extensão do curso em um semestre poderia contribuir com horários de entrada e saída condizentes com a realidade local.

Porém, para além das dificuldades atreladas a cada uma das opções, deve-se observar o nível de aderência com a realidade local. O eficaz pautado na perspectiva externa, pode ser pouco eficaz para a comunidade em campo. Nesse sentido, as estratégias de enfrentamento devem ser pensadas em um esforço conjunto entre a representação estudantil, gestão da escola e o município. É do coletivo que emerge a solução. O esforço coletivo de promoção em SS traz benefícios imediatos e a longo prazo. Diferentes contextos exigem ações diferentes.

Justifica-se que a educação se desenvolve a partir das relações com o meio social, e é na interação entre eles em que as crianças e os jovens aprendem formas de compreender o mundo (Almeida, 2019). Para além de melhorias na aprendizagem do conteúdo dos cursos, a reivindicação e participação nos processos de gestão em SS oportuniza que os alunos desenvolvam ferramentas de identificação de riscos no cotidiano.

5. Principais referências

ALMEIDA, L. R. de. A escola: espaço para conhecimento, convivência e representação do mundo. *In*: PLACCO, V. M. N. de S.; ALMEIDA, L. R. de (Org.). **O coordenador pedagógico e questões emergentes na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2019. v. 14, p. 9-25.

VERÍSSIMO, M.; SENA, E. de F. A prática docente em foco: o saber investido no gesto. *In*: VERÍSSIMO, M.; OLIVEIRA, M. das G.; SILVA, J. S. da; SENA, E. de F. (Org.). **Dramáticas dos usos de si na sala de aula**: abordagem ergológica ou o ponto de vista da atividade. Curitiba: CRV, 2021. p. 97-103.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho e Ergologia**: Conversas sobre a atividade humana. 3. ed. Niterói: EDUFF, 2021.

VENTURELLI, R. M. Docência, teletrabalho e covid-19: reinvenção, pressão e exaustão do professorado em tempos de quarentena. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 21, n. 3, p. 275–306, 2020. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/7815. Acesso em: 16 maio 2026.